

O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

ASSIGNATURA

Braga : mez 100 rs.; trimestre, 300 rs.
Provincias : trim., 330 rs.
Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 13 de Março de 1893

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de Santa Margarida
N.º 66

Aos academicos

São tão bellas as flôres que desabrocham da penna dos nossos condiscipulos que a sua reunião formaria do nosso jornal um formosissimo bouquet.

Por isso lhes pedimos para que o receio d'um mau acolhimento não impeça que elles nos enviem uma ou outra das suas composições, tão simples como sinceras.

*
* * *

As horas de descanso, o desmaiar da tarde, o murmuro leve das aguas saltitando de penedo em penedo, o rumorejar da folhagem convidam intelligencias juvenis como as vossas a retratar pensamentos, a entoar cantos.

Pensamentos que são como o perfume das flôres da primavera; cantos que são notas tão harmoniosas como o trinar do rouxinol n'uma manhã d'estio.

Pensamentos e cantos que são raios illuminando sem ardencia; fontes mitigando tristezas; fontes em que se bebe Patria e Amizade.

A MÃE

N'esta alcova tão pobre, sem riqueza,
Mas cheia do mais santo e puro amor,
Poisou a sua mão o Redemptor,
Deu-lhe um sorrir despido de tristeza.

Uma mulher embala com firmeza,
Extasiada em mystico fervor,
Essa creança, essa innocente flôr,
Que dormita do berço na pureza.

Ella, a mãe, sente em languidos harpejos,
Dando a espagos ao filho adormecido,
Sua vida n'um fremito de beijos.

Abraça esse anjo lôiro, cinge-o ao peito,
Abafa com caricias um gemido
E cae adormecida no seu leito!

M. Oliveira.

IMPRESSÕES

I

(no hospital de S. Marcos)

E' dia de S. João de Deus.
Estava uma tarde lindissima e era vespera de quinta-feira.

Portanto, fui, como vac um grande numero d'habitantes d'esta cidade, visitar o magnifico hospital de S. Marcos.

Levava a anticipada opinião de não encontrar alli senão dôres e gemidos, miserias e coisas horribéis á vista. Mas depressa me abandona esta ideia; e impressões cada vez mais consoladoras vou sentindo atravez de cada longa enfermaria por que vou passando.

A ordem, a limpeza e o asseio que vi na despensa, na cosinha e na rouparia encantaram-me.

Mas maior satisfação me causou ainda o ver como todos aquelles que alli se achavam, desde a idade do berço até á decrepitude, deixavam entrever na sua physionomia e manifestavam até por palavras o carinho, o zelo e sollicitude com que eram tratados por essas santas mulheres, chamadas Irmãs da Caridade!

Santas mulheres, disse eu.

Sim; santas. Parece-me que não ha martyrio maior do que o que ellas passam alli.

De dia, dar de comer, limpar, lavar, assistir a tudo e a todos em doenças tão diversas, tão pestiferas, tão asquerosas!...

E de noite, enquanto que uns se divertem em bailes e theatros, outros se delectam em sumptuosos banquetes e ainda outros folgam e riem em tripodiaes orgias, ellas velam o leito de algum doente nas contorções da dôr ou nos paroxysmos da morte!...

Heroico e santo ministerio!

E, apesar d'isto, escarnece-se hoje, á luz de toda esta civilização, d'estas mulheres!...

O que valle é que a mesma religião que as inspira, acalenta e fortifica para praticar taes rasgos de dedicação e amor da humanidade, essa mesma lhes dá coragem e forças para affrontar todos

os insultos e ultrages que por acaso lhes dirijam.

Cada enfermaria era encimada por um pequeno altar onde estava um crucifixo como que presidindo a todos aquelles actos. E assim devia ser necessariamente; porque o auctor da Caridade é Jesus Christo. Antes d'elle era completamente desconhecida. E os desgraçados, os desfavorecidos da sorte ou eram mortos quando nasciam, ou morriam na miseria com a mais leve doença. Mas, depois d'Elle, a luz brilhante d'essa nova estrella illuminou todo o mundo e os infanticidios e a miseria dos escravos foi substituida pela fundação de asylos e hospitaes.

Das enfermarias passei a contemplar uma longa galeria de quadros antigos e modernos, representando os bemfeitores d'aquella casa.

E acerca d'estes fiz eu a ultima reflexão, dizendo commigo mesmo que maior gloria cerca a fronte d'aquelles que passam por este mundo mitigando dôres e consolando desgraçados, do que a d'aquelles que, em guerras sangrentas, matam milhões de homens.

Braga—8 -III—93.

M. Augusto Granjo.

—1893—6616—

* * *

Ah! eu quizera que a lua pura e meiga
Fosse em pleno ceu teu ludo busto!
Como o reptil da terra mais humilde
Adoraria o teu semblante augusto.

E, se ao meio dia, o sol em seu zenith
De luz tua fronte rodeasse de ouro,
Oh! então mais uma vez tu serias
De minhas orações gentil thesouro.

Per'la que aljofras minha phantasia,
Cantar tuas perfeições será minha sina
E uma vez mais clamarei ovante:
Respeito e venero-te luz d'vina.

Mas ao respeito faltaria agora
(E ao dizer isto o gosto se m'atiga),
Se visse a tua alma e coração andando...
N'uma pratada d'ovos com chouriga.

F. D.

EM VIAGEM

(Continuação do n.º 1)

De manhã accordo ao som melodioso e alegre das avesinhas que, poisadas nos frondosos ramos dos salgueiraes, saudam o sol que hoje se apresenta no azul do firmamento com todo o seu esplendor, com todo o seu brilho.

Um raio do sol entrando por uma estreita frecha do meu quarto, veio incidir sobre os meus olhos, como querendo desviar-me das visões tristes e assustadoras que ainda povoavam a minha imaginação.

Depois de me vestir, chego-me ao parapeito da janella e um quadro admiravel me encanta e deixa estatico.

O ranger dos carros de bois que, carregados de instrumentos de lavoura, se dirigem para as extensas campinas; o canto alegre e rustico dos lavradores que, á frente dos bois, os incitam a andar; a voz dos pastores; o vagido das ovelhas que, mansas e quedas, pastam na erva verde e orvalhada dos prados, mas derrubado pelas ventanias do dia anterior, tudo parece saudar o Creador!...

E eu, triste e pensativo, contemplo aquella scena agradável e encantadora, que a natureza me oferece.

Triste, porque ainda se não esvaíram da minha imaginação, as scenas commoventes e tristes, a que na noite anterior assisti, e pensativo, porque não sei interpretar os mysterios da natureza, que no dia anterior me mostrou as côres, mais sombrias e carregadas: as côres da tempestade, e hoje me apresenta côres alegres e festivas: as côres da primavera.

E absorto na agradável contemplação das bellezas d'este quadro, se me ia passando o tempo quasi desaperecebido, quando me lembrei que tinha de almoçar, agradecer aos meus bons hospitaes e continuar a minha viagem.

Dirijo-me para uma vasta varanda, onde elles estão a lamentar os estragos causados pela tempestade.

Fallamos durante alguns minutos a esse respeito, e não sei quanto tempo fallariamos, se uma porta não se abre e uma voz nos vem dizer que o almoço estava na mesa.

Depois do singelo, mas saboroso almoço, trato de arranjar a minha pequena vagagem.

O homem que me acompanha já me espera no fundo da escada, com as redeas do meu cavallo na mão, prompto para marchar.

Depois de agradecer a boa hospedagem e de me despedir saudosa

de d'aquella boa gente, saio de casa.

Pela aldeia grupos de aldeões contemplam os estragos; aqui, um pobre homem com a enxada ao hombro se dirige para o campo; alli, um rapaz quasi nú e esfarrapado; além, uma velha faz girar rapidamente o fuso da roca; acolá, uma mulher amamenta um filhinho, e dá pão aos outros; a todos saúdo e sou correspondido quasi sempre com as mesmas palavras: «Bons dias, Deus o guarde».

Chegado ao extremo da aldeia, principio a conversar familiarmente com o meu guia, sobre a miseria em que aquella pobre gente vive, mas tão alegre e feliz, ou ainda mais do que o mais rico fidalgo, entre o seu luxo e no meio de seus palacios.

E assim fomos, ora subindo ora descendo as mais ingremes encostas, por onde o meu cavallo a custo andava, até avistarmos ao longe uma pequena villa, marginada por um largo rio, onde devia terminar a minha viagem e, onde se passam as mais notaveis aventuras d'este conto.

Ararmen

(Continua)

INDISCRICÕES

(A uma solteirona esgrouviada, de quarenta annos, que presumia de ter os mais lindos olhos d'este mundo, pois eram muito pequeninos e redondos como os d'uma serpente, e uma formosura sem rival, e que toda se babava de regozijo, se ouvia gabarem-lhe as mirificas prendas plasticas, de que prodigamente a dotara a natureza).

Que olhinhos tão bonitos
Sempre a pestanejar!...
(São como dois mosquitos
Esvoaçando a par...)

Olhos encantadores...
(Pois tem pupilla azul
E titam, tentadores,
O mais guapo taful!)

São tão cheios de graça
Os teus olhos, o bella!...
(E's immunda carcassa
A distitar temêla).

As pernas... (fôra, cões!);
Braços... — polposos nabos! —
(Se vão a Guimarães,
Lá ficam para cabos...),

Teu peito tem aromas,
Tem uma côr nevada...
(Faz-nos lembrar, c'o as pomas,
Uma taboa empenada!)

Tua tranca estimula
Paixões libidinosas...
(As crias d'uma mula
São muito mais sedosas!).

Teu nariz rubicundo
Funga pitadas hiante...

(Occupa menos mundo
A tromba do elephante!...).

Essas formosas faces
(Caveira p'ra uma estampa...)
Pedem beijos e enlaces...
(Sô dos vernes na campa!...).

Tens uns labios ardentes,
Gentis... que mais não sei!
(Bocca torta, sem dentes!...)
.....
— Linda amante p'ra um rei!...

M. Gonçalves Cerejeira.

PERFILISANDO

Gonçalves Cerejeira.—Descrever uma coisa pobre e simples é facil, está ao alcance de quasi todos; mas descrever uma coisa rara, uma coisa cheia de singulares bellezas e brilho que cega é difficil, *est magnus labor*.

E é por isso que eu me vejo tão pequeno ao tentar perfilisar um academico que, sendo meu condiscipulo e amigo, é ao mesmo tempo um poeta genial, um romanista fecundo e um orador «pouco vulgar».

Não tem Gonçalves Cerejeira o andar e o aprumo do janota. Não poria uma simples violeta ao peito sem se rir de si...

Tem aquelle desalinho proprio do pensador; um certo aborrecimento por estas etiquetas da sociedade...

Seria para elle um grande sacrificio acompanhar uma dama. E não o faria sem córar. Com quem elle se dá e entende muito bem é com Camillo, Garrett, Herculano, Emilio de Castelar, Lamartine, Victor Hugo e quejandos. Com estes passa elle as melhores horas dos seus dias na mais intima convivencia.

E por isso é rarissimo vêr-se n'um café.

Ouvi dizer ha'dias n'uma conversa entre estudantes que era o primeiro academico do nosso lyceu. Eu, ainda que o sinta, não ousou confirmal-o; porque julgo ir desmerecer academicos aliás tão dignos pela sua applicação, pela sua modestia e pelo seu bom coração.

Lê muitos jornaes e cre na regeneração da sua patria.

Francisco Duarte.—Hoje é um dos primeiros no lyceu; amanhã será um dos primeiros na Universidade; e depois, com aquella cabeça cheia de Direito das gentes, de Direito internacional e de todos os outros direitos e tortos, será um grande advogado e um sabio juriconsulto. Um grande advogado, porque participa da eloquencia de Cicero e do enthusiasmo e exaltação de Marat. E um sabio juriconsulto, porque, apesar de ser tambem poeta, quer

cultivar mais a jurisprudencia de que a poesia.

E' alto, elegante, moreno; tem cabellos negros e espessos e uma figura risonha e sympathica.

Lê e estuda muito.

E, sendo educado no Collegio do Espirito Santo, gosta da litteratura franceza.

Apezar de ser o primeiro anno que frequenta o lyceu conta ahi numerosos amigos, porque é um rapaz muito popular e um coração d'oiro.

Eurico de Cartêa.

UM SONHO

(Continuação do numero anterior)

Seria realmente residencia de fadas?

Se o não era, a quem pertencia então este delicioso paraíso?

Os meus olhos fitaram-se insensivelmente n'uma das janellas, semi-aberta da elegante vivenda, e não haveria forças humanas que os desviassem de lá! (tal era a curiosidade de que estavam possuídos), se não ouvisse hem perto de mim os sons argentinicos d'uma voz incomparavel, tão harmoniosa como o canto d'uma sereia.

Dirigi os olhos para o lado d'onde vinha o canto, e fiquei deslumbrado como o homem a quem é dado contemplar o espectro solar, depois de estar por muito tempo condemnado ás trevas.

Uma mulher divinal, imagem viva da belleza descripta pelos antigos, reclinada suavemente sobre um montão de verdura, observava com interesse as myriadas de ondulações caprichosas que a agua, transparente como o seu vestido de gaze, fazia despenhando-se pela linda cascata d'um pequeno lago.

Então o meu espirito caiu n'uma lethargia invencivel, que o effluvio magnetico dos olhos d'ella fazia augmentar.

Senti que a mão avelludada d'aquelle anjo de formosura se apoiava docemente no meu peito e que ella entoava aos meus ouvidos um harmonico hymno d'amor, transportando-me nos seus braços esculpturaes ás regiões ethereas.....

Sonharia? Seria realidade?

Não, sonhava.

A aragem fresca da noite bafejando suavemente o meu rosto, restituiu-me ao sentimento da realidade; e o meu sonho desfez-se como se desfazem ao mais leve sopro as illusões chimericas da nossa infancia.

E eu achei-me outra vez arrastando a minha pesada cruz n'este vago oceano da vida, mas não com a paciencia assombrosa do martyr do Golgotha.

Oderfla Ziremse.

RETALHOS

I

Vae alta a noite, como se diz nas balladas.

No quarto pobre d'estudante, em que agora escrevo, como que vem expirar lugubrememente um echo abafado do indistincto borborinho dos bairros e cafés da cidade. Mas, quando chega ao meu retiro, é tão subtil este ruido que se torna quasi imperceptivel, quasi se confunde com o silencio que paira tetricamente em volta da minha banca de estudo, apenas interrompido pelo leve *tic-tac* do meu relógio d'algibeira.

Atravez da vidraça da janella, avisto um listão de céu tão limpo e estrellado, que parece convidar a minha alma a divagar, cheia de encanto e poesia, por esses paramos infindos, em busca da Phantasia e do Sonho, anciando o amplexo mysterioso d'uma alma de virgem immaculada, como se esta se podesse encontrar dormitando brandamente nas regiões do Azul, n'um pequenino leito de tulles e bretanhas rendilhadas de luar, tecidas por mãos de fadas e sylphides vaporosas, entre as sorridentes fulgurantes das estrellas...

De quando em quando, pondo uma nota sinistra na monotonia irritante d'este bulicio abafado e subtil, quasi despercebido e confundido com o silencio nocturnal, vibra no ar o som rouco e arrasado das imprecações do ebrio, que roja na lama pelas viellas, á porta das tascas immundas, espapaçadas de vinho vomitado pelo soalho esburacado e pôdre, emquanto em casa a esposa desgrenhada e chorosa procura matar com beijos dulcissimos a fomedos filhinhos que pedem pão em gritos lamentosos e chorantes, d'essas pobres creancinhas magras e famintas, envoltas em andrajos, deitadas n'uma enxerga esfarrapada e humida, tão cedo iniciadas na Desgraça e na Miseria, e quem sabe se mais tarde no Vicio e no Crime!... E das travessas escuras sahe ás vezes o canto aguardentado da meretriz que redopia no can-can das saturnaes orgiacas e infrenes á roda dos convivas d'olhos baços e peito cansado de phtysicos, entre o tinir das taças espumantes, como uma bohemia doida que se levantasse soltando uma gargalhada estridula no meio da desoluição devassa da Miseria mais desgraçada e do Vicio mais hediondo e larvado... e do quartel vem o grito d'alarme das sentinellas, ao mesmo tempo que na calçada sôa pausadamente o passo vagaroso dos policias rondando e espionando... e o som nostalgico d'uma guitarrada d'estudantes se perde ao longe no dedalo das ruas...

Entretanto, eu vou compondo estes *retalhos* de prosa, que ora traduzem as alleluias vibrantes e joviaes da minha Adolescencia, que vae fugindo, ora as litánias plangentes das saudades do Passado já morto, onde ha illusões desfolhadas e perdidas como petalas de rosas e allelis entre a murta d'uma campa rescendente de lilazes!—retalhos d'alma esgarçados do meu coração juvenil que se vae esfarrapando pelas silvas d'este mundo como por um roseiral em flôr, deixando-nos espinhos o sangue das crenças mais puras, da mais franca sinceridade, da mais excelsa bondade e candura!...

Comtudo, ainda não murchou na minha alma a flôr azul do sentimento e o meu coração ainda tem lagrimas ardentes para chorar sobre as ruinas de tantos castellos phantasticos desmoronados e sobre tanto infortunio compungitivo...; os meus labios ainda têm risos para motejar os ridiculos da sociedade e o meu peito ainda tem anhelos que me impellem ao turbilhão estonteante do mundo, á embriaguez do prazer que faz passar ligeira a vida e dá esquecimento; e ainda tem enthusiasmo e energia, aspirando a tudo que é nobre e santo, para pugnar nas luctas pelo Bem e pela Luz contra o Mal e a Treva que nos dominam, afim de purificar n'um chrysol de Liberdade e Amor a Humanidade, que tanto devemos amar na egualdade de fraternal Concordia!...

Canções olympicas e divinaes de raparigas alegres e descuidadas que vão por estradas fóra, de braço dado com os amantes, em busca de trigaes em flôr e sombras frescas de estio á margem de regatos murmurantes; gorjeios de cotovias e rouxinoes rimando idyllios e balladas ao luar, por sobre os restolhaes, na solidão saudosa das noites calmas d'agosto; arrulhos de pombinha branca e mugidos ternos de novilha amorosa dilatando as narinas para aspirar as emanações e halitos perfumados da primavera, que faz das arvores andores floridos e da esteira da relva um manto estrellado de milhões de flôres; volitar de lepidas borboletas e zumbidos d'abelhas que vão embebedar-se de nectar na flôr dos giestaes de maio e das madresilvas agrestes, canto singelo de pastorinha innocente, d'olhos fitos na estrella vesper, que desponta na orla de arrebol dos poentes doirados...—tudo isto, e muito mais ainda, travado e confundido n'um hallali festivo e cantante de allegros orchestraes da juventude, que soluça e grita, que chora e ama, que ri e se embriaga, que goza e canta tudo isto, como uma velhinha de cabellos brancos con-

tando historias ao serão de lar d'aldeia em noites frias e ventosas de inverno, algum dia virá despertar em mim a Saudade, que evocará, n'uma reconcentração íntima e magoada de espirito, as scenas do Passado nos retalhos que me restam da Mocidade então amortalhada para sempre no triste sudario das minhas illusões perdidas!...

Braga, Março 9 de 1893.

M. Gonçalves Cerejeira.

DE NOITE...

(Ao meu amigo Arnaldo Mendo)

E' noite. Uma chuva miuda e fria cae sem interrupção e no ceu sombrio não brilha uma unica estrella; o vento glacial agita os ramos desfolhados das arvores, fazendo-os gemer lugubrememente; e a luz mortiça e tremula dos bicos do gaz, reflectindo-se nas pedras molhadas das ruas, mal consegue dissipar o espesso veu de trevas que envolve a terra. De vez emquando, o grito rouco e sinistro de alguma ave nocturna atravessa o espaço, fazendo estremecer algum raro tranzeunte.

Apezar porém do horrivel tempo que fazia, n'uma casa apalaçada d'uma das ruas mais centraes da cidade, havia um grande baile. Atravez as janellas entreabertas d'essa casa passavam jorros de luz que illuminavam os vultos sombrios das arvores fronteiras, fazendo-os destacar vivamente no escuro, como phantasticos e collossaes espectros. De cá de fóra respondiam ás notas alegres da orchestra os uivos do vento e os gemidos lugubres do arvoredo.

E, emquanto que no baile tudo era alegria e movimento, e que no redemoinhar vertiginoso e frenetico das walsas, as mulheres, com os olhos fulgurantes, os hombros nus e os cabellos em desalinho, perpassavam rapidas, quaes feiticeiras da Edade Media nas suas danças satanicas, na rua passava-se uma scena bem differente. Encostada a uma arvore e defronte da casa aonde havia o baile, uma mulher ainda nova e ainda bella, com as faces cavadas pelo soffrimento, os olhos vermelhos pelo continuo chorar, mal coberta por andrajosas e esfarrapadas roupas, tendo pela mão uma creança, soluçava afflitivamente. O filho roia uma côdea de pão negro e duro, e a mãe, de espaço a espaço, parando de chorar e levantando os olhos contemplava extatica o movimento e as luzes do baile, e depois continuavam os soluços um instante interrompidos, E ao chorar angustiado da infeliz respondia o fracasso horrivel dos ramos que se entrechocavam por cima da sua cabeça, a chuva que lhe açoutava o rosto, e o vento agudo, que, levantando-lhe

os miseros farrapos lhe lacerava impiedosamente as carnes.

D'ahi a pouco o pequeno, tendo acabado o pedaço de pão, começou a chorar, primeiro fracamente, e depois n'um crescendo progressivo até que rompeu n'um choro agudo e desesperado, ao mesmo tempo que puchava pelos andrajos de mãe. Porém, esta não o ouvia nem o sentia. Já não chorava. E, com os olhos desmedidamente abertos e dirigidos para as jaellas illuminadas da casa fronteira parecia contêmpplar alguma vizão passada que a memoria do baile lhe despertara.

Assim esteve algum tempo, até que o choro do filho a arrancou d'aquella contemplação; e então o seu soluçar foi mais pungente; lagrimas candentes como fogo cahiram-lhe dos olhos, em horbotões, e, de repente agarrando no filho com um movimento brusco, levantou-o e tomou-lhe os labios n'um soffrego beijo e depois cahiu desamparadamente no chão encharcado.

No dia seguinte aos primeiros alvares da manhã, alguém que por ali passou viu estendida e morta no meio da rua uma mulher, e ao lado uma creança, que, com a cabeça no peito da desgraçada dormia o somno dos innocentes.

Era o triste fim de alguma tragedia ignorada! E essa mulher que sem duvida deveria dormir o eterno somno em qualquer tumulo monumental, exhalara o ultimo suspiro estendida na lama, tendo por canticos funebres os queixumes plangentes do vento e as risadas estridentes d'uma orchestra de baile!

Hugo de Freitas

Foram decifradores da pergunta arithmetica do numero anterior, os snrs. Raul Moreira, Hermenegildo Gomes Bertolucci, Antonio Manoel Villares e Afonso Gonçalves Pereira d'Alvim, sendo o premio concedido ao primeiro.

Do logogripho os snrs. José Baptista da Silva e Luiz da Cruz Ferreira.

O premio coube ao primeiro.

Decifrações do numero anterior

Do logogripho

Oliveira d'Azemeis
Da pergunta arithmetica
8:530

Das charadas

Girafa — Republica — Camillo —
Loanda — Camizola — Regato — Sal-
mão — Andaluzia — Perola — Vicé-Deus
— Peseta — Vagalume — Polvora — Ca-
parica.

PERGUNTA

Qual é o rio composto de quatro vogaes eguaes, quatro consoantes eguaes e outras duas consoantes des-
eguaes?

Danton.

LOGOGRIPHO

Nome proprio—E—6—7—4.
Nome proprio—3—4—1—8.
Nome proprio—8—7—7—4.
Nome proprio—1—2—3—8.

O primeiro assignante, que enviar a decifração receberá como premio o livro «Almanack das Senhoras Portuguezas e Brasileiras».

Charadas electricas

A's direitas e ás avessas animal—3.
A's direitas e ás avessas arvore—2.

Sopnac.

Charadas novissimas

Na musica, entre nós, corre, este malfeitor 1—1—2.

Na musica, este rio, celebre, 1—2.
Na musica, este rio, é uma planta do Brazil—1—1.

Isolado, no Egypto, no navio—1—2.
Na sala, na musica, na Africa—2—1.

Em Roma, no mar, no Brazil. 2—2.

No homem, este valle de lagrimas, este rio, no Brazil. 1—2—1.

No quarto—esta cidade, este animal.—2—2.

Aqui, a fazer barulho, este animal. 1—2.

Este espaço, corre, o nosso jornal. 4—2.

Esta pedra e este fructo acompanha o soldado na marcha.—1—2.

No homem e no navio é embarcação. 2—2.

Esta letra e esta villa aberta o mar. 1—2—1.

EXPEDIENTE

A redacção pede a todos os cavalheiros a quem enviou o seu jornal e que não desejam ser assignantes, a fineza de o devolverem, aliás consideral-os-hemos como assignantes. Pede tambem a permuta a todas as redacções a que enviamos o nosso jornal.

BRAGA
Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel
Manoel Antonio de Paiva